

Prefácio:

Novas vozes murmuram nestas páginas¹

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: Conto português; narrativa contemporânea; literatura lusófona

Keywords: Portuguese short story; contemporary narrative; Lusophone literature

O escritor norte-americano Stephen King, especialista nos géneros do suspense e do terror, argumenta que o conto é uma “arte perdida”. Com estas palavras cruéis, mas certas, releva que o mercado editorial se encontra saturado de romances, uma forma de narrativa diletta de leitores e críticos. Existe, pois, uma pressão de ordem comercial para que até homens e mulheres de letras consagrados abandonem o conto e produzam aquele tipo de texto, tido como mais prestigiante. Mesmo nos Estados Unidos da América, onde a história breve detém uma longa tradição, que se estende desde os esforços embrionários de Washington Irving a Joyce Carol Oates, passando, pelo incontornável Edgar Allan Poe, definham as revistas e antologias dedicadas à arte da narrativa breve.

No entanto, como professor ligado à literatura e à escrita criativa, sempre aconselhei os aprendizes a praticarem a técnica precisamente através da elaboração de contos, por três razões. Em primeiro lugar, um texto breve requer um investir de esforço e tempo menor do que um romance, que pode ocupar anos de trabalho criativo e, apesar disso, constituir um falhanço. A propósito, Lorrie Moore resumiu: “Um conto é um caso amoroso, um romance constitui um casamento”. Em segundo, porque, contrariamente ao que demasiados críticos julgam, uma história breve exige o mesmo talento de um romance, na pesquisa do tema, construção de personagens, urdir do enredo, descrição de espaços e atmosferas, manipulação cronológica, etc. Mais ainda, um conto, pela sua concisão, leva o autor a ponderar o que deve incluir ou rejeitar, treinando, deste modo, a sua capacidade de escolha. Por fim, como é evidente, torna-se mais fácil publicar um conto num jornal, revista ou coletânea, do que um romance numa editora.

É neste espírito de abertura a novos valores, ocasionalmente apadrinhados por gente das letras mais experiente, que se enquadra a presente coletânea. O título *Antologia de Contos Originais* foi proposto pelo editor, Dr. Fernando Mão de Ferro, no início dos trabalhos, e

¹ Mancelos, João de. “Prefácio: Novas vozes murmuram nestas páginas”. *Antologia de Contos Originais*. Org. João de Mancelos. Lisboa: Colibri, 2020. IX-XI. ISBN: 978-989-689-993-6.

envolveu-me de imediato pela sua polissemia. Assim, “originais” tanto pode significar “inéditos”, ou seja, “não publicados”, como “singulares”, isto é, “histórias diferentes”. Faz todo o sentido, pois a maioria dos colaboradores desta coletânea ou é estreante ou não possui ainda uma obra vasta no campo da narrativa. Como tal, encontram-se libertos dos constrangimentos de autores conhecidos, tantas vezes associados a um tema ou género, ou sujeitos ao que Hans Robert Jauss designou pelo horizonte de expectativas dos leitores e da crítica. De facto, um escritor aprendiz pouco tem ainda a perder, o que lhe concede uma invejável independência artística, e cada texto pode ser um degrau onde tropeça ou ascende na longa escadaria da arte. Afinal, como afirmou o escritor estadunidense Ernest Hemingway, no ofício da escrita, “todos somos aprendizes e jamais alguém será mestre”.

Aceitei entusiasticamente o desafio do meu editor para organizar, prefaciar e contribuir com um conto na presente antologia. Porque é justo dar uma oportunidade a autores mais ou menos jovens, mas ainda sem nome firmado na ficção; porque é urgente injetar sangue novo nas nossas letras; porque não acredito em capelinhas regidas por poderosos grupos editoriais, nem substanciadas por um certo tipo de jornalismo cultural subserviente. Cada uma das histórias deste volume constitui um atrevimento, um ato de rebeldia e, recuperando a bela imagem da escritora Toni Morrison, uma prova de que existem sombras que se movem à margem do cânone literário, dos interesses comerciais e do *marketing*.

A coletânea que o leitor tem nas mãos foi concebida, *ab initio*, com o propósito explícito de conceder espaço a novas vozes na área da narrativa breve. Em simultâneo, assumiu uma tendência eclética tanto no tema, livre, como na forma, plural. Tal plasma-se na amplitude de assuntos abordados, embora com particular incidência para o tempo de pandemia que atravessamos, e na concomitante variação de géneros (do drama à ficção científica), na pluralidade de estilos (por vezes, com as deliciosas defetividades de quem procura ainda uma forma sua de se expressar) e na amálgama de influências. Como afirmou Wallace Stevens, o escritor é uma gralha que vai construindo o próprio ninho (aqui entendido como o “estilo”), apropriando-se de material luminoso, alheio, de tantos autores diletos.

Registo ainda a variedade da proveniência geográfica destas narrativas: a lusofonia encontra-se representada por Portugal, Brasil, São Tomé e Príncipe e Macau. Existem também autores que nos enviaram os seus textos de Espanha, Polónia, Alemanha e Estados Unidos. Um livro, quatro continentes. Num mundo cada vez mais confinado, descobrimos, todos, formas de nos unirmos através da tecnologia ao serviço da arte, partilhando os frutos do talento.

Nas palavras de Maya Angelou, “não há agonia maior do que ter uma história por contar, dentro de si”. Esta vontade irreprimível, certamente sentida pelos colaboradores da antologia, sublimou-se nos contos que nos ofereceram. Um bem-haja ao editor por esta iniciativa e felicito

os escritores por terem atendido ao chamamento. O futuro das narrativas breves adivinha-se nestas páginas: é excitante e esperançoso. Mais ainda, prova que o conto, longe de ser uma arte perdida, é um espaço de *procura* e de *encontro* entre autores e leitores.

Resumo

Prefácio à *Antologia de Contos Originais*, que reúne narrativas breves de trinta e três autores lusófonos, dispersos por oito países e quatro continentes. O presente texto introdutório centra-se nas características do conto contemporâneo e salienta que as histórias apresentam uma vasta gama de assuntos, géneros (do drama à ficção científica), estilos e influências.